

M 724
março 66

R N

RUBEM BRAGA

A ROMÃ

19-11-57

SE uma criança pudesse fazer o mapa de uma cidade — pensava eu olhando o pé de romã — ele teria menos casas e mais árvores e bichos. A romã, por exemplo, está estritamente ligada à carambola, na minha corografia íntima. Eu conhecia essas árvores de um só quintal da cidade; eram como que uma propriedade específica de certa família amiga.

Nossa própria casa tinha alguma importância devido ao fruta-pão e aos cajus, mas, do ponto de vista infantil, sua grande riqueza estava na saboneteira, árvore que produz a baleba ou bola de gude ou bolinha preta. Cinco dessas bolinhas pretas eram trocáveis por uma de vidro, dessas que se compram nas lojas; essa taxa de câmbio é, mais ou menos, de 1923; talvez já não vigore hoje. Para nós, da casa, a saboneteira era uma riqueza natural, uma qualidade intrinsecamente nossa, de nossa família; algo assim confusamente como um baronato. Naturalmente não éramos a mais rica família da cidade; havia, por exemplo, a chácara do dr. Mesquita, que tinha mangas soberbas, defendidas por imensos cachorros. Mesmo saboneteira havia uma talvez mais famosa que a nossa, no sobrado do Machado, onde era o telégrafo, e onde também morava nossa professora; sobradão cauteloso, pois a calçada da rua, ao chegar a ele, subia uns dois metros de um lado e descia do outro, de maneira a que nem o térreo pudesse ser atingido por uma enchente do rio.

Uma das árvores que tinha mais prestígio era uma oliveira. Era só um pé, e estava nos altos do jardim público, perto do chamado banco dos amores. Não dava frutos. Não sei quem teve a fantasia de plantá-la em lugar e clima tão impróprios, mas de algum modo era importante haver em nossa cidade uma oliveira, árvore que produz azeitonas, tantas das verdes como das pretas, azeitonas que produzem azeite; tudo isso era cultura para nossa infância.

Fiquei comovido quando soube que a nossa palmeira ao lado da varanda era uma tamareira; também era importante, possuir uma tamareira, embora as tâmaras fossem insignificantes. Um tio tinha prestígio devido ao cajá-manga, outro, morador longe, na Vila, devido aos jambos.

Havia as frutas sem dono, vulgares, mamão, goiaba, genipapo, ingá. Mas que prestígio tinham as romãzeiras da casa das Martins! A gente gostava mais de carambola, mas a romãzeira, como era linda a flor e linda a fruta! A fruta se rachava de madura no começo do verão...

Penso em muitas coisas aqui, neste chuvoso domingo, olhando um pé de romã, no quintal de uma cidade estranha; em mais coisas do que jamais conviria lembrar na manhã de um domingo chuvoso, depois de tudo o que houve, e o que não houve, no tempo que passou.

419